

Freio na economia derrubou salário e emprego na indústria no 1º trimestre

IBGE: folha salarial caiu 5,8%. Em março, queda do emprego foi maior: 0,5%

Editoria de Arte

Ledice Araujo

• A desaceleração da produção está se refletindo em menos emprego e salário mais baixo no setor industrial do país. De fevereiro para março, o índice de redução de postos de trabalho subiu de 0,3% para 0,5%, segundo pesquisa divulgada ontem pelo IBGE. Na folha de pagamento, a queda ficou em 1,7% de um mês para o outro. No primeiro trimestre do governo Lula, o salário na indústria teve recuo de 5,8%. Já na comparação com março de 2002, a perda no salário é ainda mais expressiva: 6,3%. E em 12 meses, o declínio é de 3,1%

A apuração da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes) mostrou que, nos 14 locais pesquisados, houve queda na folha de pagamento dos trabalhadores da indústria. As baixas mais significativas ocorreram em São Paulo (6%) e Rio de Janeiro (11,4%). Dos 18 setores, 14 registraram perdas no salário.

Emprego na indústria de eletroeletrônicos caiu 13%

Os setores com maiores influências negativas no salário em março foram papel e gráfica (-15,2%), máquinas, eletroeletrônicos e comunicações (-13,3%) e minerais não-metálicos (-16,5%). Tiveram ganhos só as indústrias de alimentos e bebidas (0,8%) e de



borracha e plástico (4,1%).

— A produção desacelerada está arrefecendo o emprego e o rendimento — avaliou o economista André Luiz de Oliveira Macedo, do IBGE.

No item emprego, a apuração de março sobre o mesmo mês em 2002 revela uma estabilidade. Mas o quadro indica um recuo, já que janeiro registrou crescimento de 0,7% e fevereiro, de 0,8%. No tri-

mestre, o resultado foi melhor: 0,5%, mas é fraca a base de comparação de 2002, período ainda marcado pelo racionamento de energia elétrica.

Por setores industriais, o número de empregados em março expandiu-se em dez dos 18 ramos pesquisados no país. Os destaques foram os de alimentos e bebidas (2,3%) e máquinas e equipamentos (6%), excluindo eletroeletrônicos, e

comunicações. As reduções atingiram indústrias de transformação (-9,8%) e de minerais não-metálicos (-3,66%).

— As vendas em baixa, o rendimento menor e os juros altos influenciaram a produção. Mas os dados são de março, num cenário que era menos favorável, com o dólar e o risco-país mais altos. Não temos ainda resultados de abril, com a economia melhor — explicou André Macedo.

Venda de carros no Rio foi 24% menor em abril

As pesquisas mais recentes comprovam a retração do consumidor. Como reflexo desse comportamento, o faturamento do comércio no Rio baixou 10,13% em abril. Segundo pesquisa do Instituto Fecomércio, as quedas maiores ocorreram nos ramos de joalheria (25%) e de veículos (24,6%).

— O resultado do comércio espelha as dificuldades do consumidor. A alta de custos dos produtos de subsistência reduziu seu poder de compra. E não podemos esquecer os juros. Em abril de 2002, a Selic (taxa básica de juros) era de 18,5%. Agora está em 26,5% — frisou Luiz Roberto Cunha, diretor do Instituto Fecomércio. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Veja mais dados da pesquisa do IBGE
www.oglobo.com.br/economia